

A CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE (SP) SOB A ÓTICA DE CRIANÇAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA

PRESIDENTE PRUDENTE (SP) CITY FROM THE PERSPECTIVE OF CHILDREN OF A PUBLIC SCHOOL

LA CIUDAD DE PRESIDENTE PRUDENTE (SP) EN LA PERCEPCIÓN DE NIÑOS DE UNA ESCUELA PÚBLICA

Ariadne de Sousa Evangelista

Doutora em Educação pela Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP).
Professora da Rede Municipal de Ensino de Presidente Prudente/SP, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6584-3656>, e-mail: ariadne_ev@hotmail.com

Fátima Aparecida Dias Gomes Marin

Doutora em Ensino na Educação Brasileira (FCT/UNESP). Professora Assistente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Presidente Prudente/SP, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6584-3656>, e-mail: fatimadiasgomes@gmail.com,

RESUMO

Este artigo é um recorte de uma tese cujo tema central foi a cidade e a infância. A partir da Sociologia da Infância e Geografia da infância, discutiu-se como as crianças concebem a cidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizada como estudo de caso. Os sujeitos da investigação foram dez crianças, de nove a onze anos, estudantes de uma escola pública, localizada na área central de Presidente Prudente (SP). O instrumento metodológico foi o *Poema dos Desejos* ou *Wish Poem*, que consistiu em um desenho elaborado a partir da sentença “A minha cidade é...”. Conforme a perspectiva dos educandos, a cidade comporta elementos artificiais e naturais, e sua organização privilegia os veículos em detrimento das pessoas; isto é, para eles, é um local de passagem, não de encontros e diversão. É necessário que o poder público atenda às demandas das crianças e planeje as cidades com base na dimensão humana. Logo, deve-se investir em espaços públicos atrativos, seguros e arborizados, que favoreçam a criatividade e o encontro.

Palavras-chave: Criança; Cidade; Pesquisa com Crianças.

ABSTRACT

This article is an excerpt from a thesis whose central theme was the city and the childhood. From the Sociology of Childhood and the Geography of Childhood, it was discussed how children conceive the city. It is qualitative research, characterized as a case study. The subjects of the investigation were ten children, from nine to eleven years old, students of a public school located in the central area of Presidente Prudente (SP). The methodological instrument was the *Wish Poem*, which consisted of a drawing elaborated from the sentence “My city is...”. According to the students' perspective, the city has both artificial and natural elements, and its organization favors vehicles over people; that is, for them, it seems to be a place of passage, not of encounters and entertainment. The public authorities must meet the children's demands and plan the city based on the human dimension. Therefore, they must invest in attractive, safe, tree-lined public spaces that encourage creativity and encounter.

Keywords: Child; City; Research with Children.

RESUMEN

El artículo trae resultados de un extracto de tesis cuyo tema central fue la ciudad y la infancia. A partir de la Sociología de la Infancia y la Geografía de la Infancia, se analiza cómo los niños perciben a la ciudad. Esta es una investigación cualitativa, caracterizada como estudio de caso. Los sujetos de la investigación fueron diez niños, de nueve a once años, estudiantes de una escuela pública ubicada en la zona central de Presidente Prudente (SP). El instrumento metodológico fue el *Poema de los Deseos*, o *Wish Poem*, que consistió en un

dibujo elaborado a partir de la frase “Mi ciudad es ...”. En la percepción de los alumnos, la ciudad tiene elementos artificiales y naturales y su organización favorece los vehículos en detrimento de las personas; Es decir, para ellos, la ciudad parece ser un lugar de paso, no de encuentros y diversión. Es necesario que los poderes públicos escuchen las demandas de los niños, planifiquen la ciudad con dimensión humana e inviertan en espacios públicos atractivos, seguros y arbolados que fomenten la creatividad y el encuentro.

Palabras-clave: Niño; Ciudad; Investigación con Niños.

INTRODUÇÃO

O texto apresenta um recorte da tese intitulada “Eu gosto de brincar, isso me faz feliz!” Paisagens e vivências das crianças em Presidente Prudente (SP) vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP) e ao Grupo de pesquisa “Educação Infantil e Formação de Professores” (FOPREI).

Nosso objetivo foi compreender as vivências das crianças na cidade, a partir dos tempos e dos espaços mais utilizados e das interações estabelecidas, identificando as paisagens da infância — do ponto de vistas delas. Neste recorte, buscamos identificar como as crianças concebem a cidade de Presidente Prudente (SP). Para tanto, apoiamos na Sociologia da Infância e da Geografia da Infância; utilizamos, também, estudos que articulam os temas cidade e infância.

O termo vivências, utilizado ao longo deste artigo, é baseado nos estudos de Vigostki (2010) e seus colaboradores. Conforme Lopes (2013a, p. 129), “A vivência seria, exatamente, a unidade fundada entre a criança e o meio, confluências onde estaria o desenvolvimento”.

As crianças são influenciadas pelo meio cultural, econômico e social em que estão inseridas. Nesta perspectiva, a infância não é homogênea; assim, a Sociologia da infância aponta para a pluralidade de infâncias. Segundo Sarmiento, “Há várias infâncias dentro da infância global, e a desigualdade é o outro lado da condição social da infância contemporânea” (SARMENTO, 2003, p. 6).

No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a maior parte da população vive em espaço urbano, isto é, na cidade (IBGE, 2010). Para Carlos (2007, p. 20), a cidade pode ser definida como “construção humana, produto histórico-social, contexto no qual a cidade aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo de uma série de gerações, a partir da relação da sociedade com a natureza”. Destarte, corroboramos a perspectiva da autora que “[...] a cidade por ser entendida dialeticamente,

enquanto produto, condição e meio para a reprodução das relações sociais” (CARLOS, 2007, p. 21).

A Geografia da Infância contrapõe a homogeneidade da infância (LOPES, 2008); seus estudos abordam a questão espacial, com ênfase na cidade e cidadania, através do viés político, baseados em autores como Harvey (2012) e Aitken (2019). A Geografia da Infância tem como objetos de interesse temas como: o crescimento populacional da cidade, o esvaziamento dos espaços públicos e a falta de um planejamento urbano que permita a construção da cidade para todos (LOPES; FERNANDES, 2018).

Um conceito importante na Geografia da Infância, e que perpassa esta investigação, é o de paisagem da infância. As paisagens da infância são “[...] as formas que as sociedades erguem, materialidades destinadas às crianças nos diferentes espaços, sobretudo, os urbanos [...]” (LOPES, 2013b, p. 291). A maneira como os adultos organizam os espaços para crianças na cidade demonstra a concepção de infância daqueles que os planejam.

O medo se faz presente no espaço urbano (BAUMAN, 2009), e é alimentado pelo individualismo moderno, característica social do capitalismo. Neste sentido, há um esvaziamento do espaço público e um favorecimento do espaço privado (SOBARZO, 2006).

As crianças que moram nas cidades vivenciam tais paisagens de acordo com diversos aspectos do seu cotidiano. Acreditamos que, com base nessas vivências, elas estão aptas para falar, apontar e qualificar tais espaços. Defendemos, com base em Harvey (2012), o direito à cidade para todos, inclusive as crianças; assim, a cidade deve ser planejada atendendo às suas necessidades. Isto posto, compartilhamos o apontamento de Tonucci (2014, p. 6): “Uma cidade sem crianças que andem sozinhas pelas ruas é uma cidade pior”. Ressaltamos, também, a capacidade das crianças de participar de pesquisas científicas ativamente.

Metodologia

Para o desenvolvimento da investigação, nossa opção metodológica foi a abordagem qualitativa. O estudo de caso se mostrou o modo mais adequado para o desenvolvimento desta pesquisa, pois, conforme André (2008), se o pesquisador “[...] quiser entender um caso particular levando em conta seu contexto e complexidade, então

o estudo de caso se faz ideal” (ANDRÉ, 2008, p. 29). A pesquisa de campo foi aprovada pelo Comitê de Ética sob o número do Parecer 2.909.291 (CAAE: 97633218.3.0000.5402).

A pesquisa científica com crianças tem potencial para beneficiar a qualificação de diversos espaços em que essas vivenciam cotidianamente, neste caso, a cidade e também favorecer o desenvolvimento da cidadania infantil.

A cidade investigada, Presidente Prudente (SP), é de médio porte. A população estimada para o ano de 2020, segundo o site do IBGE (2010), era de 230.371 habitantes. Esta cidade tem o maior número de habitantes das trinta cidades que compõem sua microrregião, o oeste paulista.

Os sujeitos desse recorte da investigação foram dez crianças, entre nove e onze de idade, matriculados em uma escola pública municipal de ensino fundamental, localizada próxima à área central da cidade. Em seu entorno, há inúmeros estabelecimentos comerciais, prédios públicos, prédios residenciais, clínicas médicas e veterinárias, cartório eleitoral, entre outros. Além das crianças moradoras do bairro, a escola atendia crianças provenientes de diversos bairros do município, cujos pais ou responsáveis trabalhavam no centro da cidade.

Segundo o Plano-diretor (2016-2019), esta escola é prestigiada pela comunidade, por sua tradição no ensino. Inúmeros pais, avós ou outros familiares dos alunos também estudaram na escola durante sua infância.

As crianças e os seus responsáveis autorizaram a participação na pesquisa através do documento Termo de assentimento e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Tivemos a oportunidade de explicar, para todos os participantes, os objetivos e os procedimentos da pesquisa. As crianças fizeram seus autorretratos e escolheram os nomes fictícios utilizados na apresentação e análise dos dados.

Neste recorte, expomos os resultados obtidos através do instrumento denominado *Poema dos desejos* ou *Wish Poem*¹. Este instrumento é oriundo da área da Arquitetura e Urbanismo e utilizamos para Educação; o objetivo é evidenciar os espaços, as vivências das crianças e as suas concepções com relação à cidade.

Neste instrumento, os usuários do ambiente estudado declaram, por meio de escrita, ou desenho, necessidades, sentimentos e desejos relativos ao local analisado,

¹ Criado pelo arquiteto americano Henri Sanoff (2001). No Brasil, o grupo Pro-LUGAR da FAU/UFRJ, utiliza esse instrumento entre os procedimentos das avaliações de pós-ocupação (APO).

tendo como ponto de partida uma sentença previamente proposta. Solicitamos que as crianças fizessem um desenho, completando a sentença “A minha cidade é...”. Para tanto, entregamos uma folha A4, com a sentença impressa, e disponibilizamos uma caixa com doze lápis coloridos, um lápis de escrever, uma borracha e um apontador. Essa atividade foi aplicada individualmente, em uma sala restrita. Enquanto as crianças desenhavam, registramos a ordem dos desenhos e as falas relacionadas.

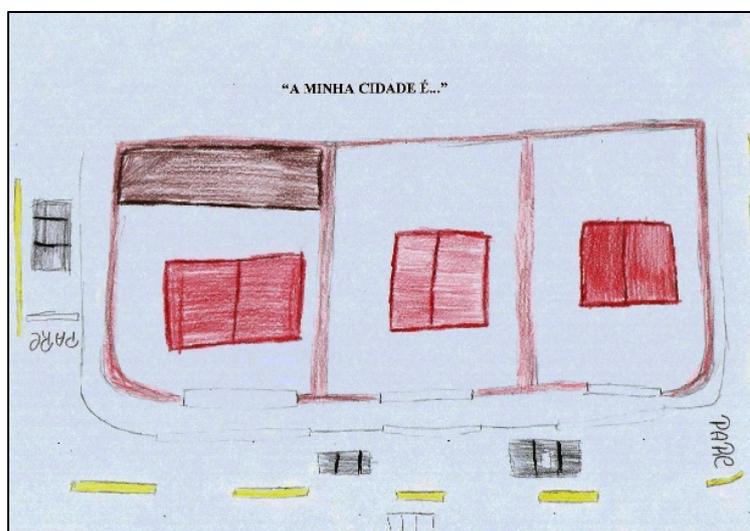
Segundo Rheingantz *et al.* (2009, p. 43) “Trata-se de um instrumento não estruturado e de livre expressão, que incentiva e se baseia na espontaneidade das respostas”. Conforme Alderson (2005), as pesquisas com crianças têm como desafio compreender as vozes infantis, adequando instrumentos de recolha de dados.

Para Gobbi (2005), o desenho, unido à oralidade, tem potencial para fidedignidade dos dados obtidos com crianças; no entanto, notamos que a oralidade é bem menos evidenciada por crianças nessa idade, em comparação com as menores.

Como as crianças concebem a cidade

A maioria dos desenhos foram retratados do ponto de vista frontal, e apenas uma criança das dez investigadas retratou a cidade da perspectiva vertical, como podemos observar a seguir. Notamos detalhes nas ruas (faixas, pare), a presença de veículos e que há apenas uma casa por terreno.

Figura 1: Cidade da Gabriela

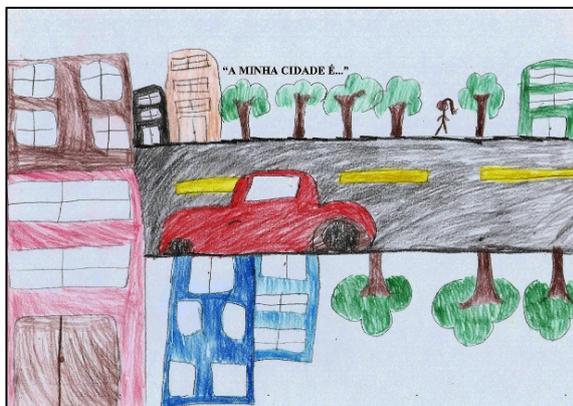


Fonte: Gabriela (2019).

Além do desenho de Gabriela (2019), outros três não têm a presença de pessoas. A ausência de indivíduos e a presença forte de veículos e prédios demonstra que, para essas quatro crianças, a rua é um espaço predominantemente de passagem de automóveis. Conforme Dias (2015, n.p.), “[...] a rua era o lugar de encontro das crianças, onde prevalecia a criatividade na apropriação do espaço urbano nas suas mais variadas formas de brincar.” Na contemporaneidade, há uma nova conotação para este espaço, fato percebido e vivenciado pelas crianças.

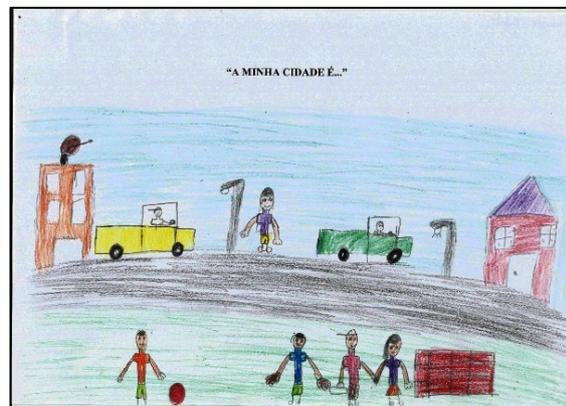
A presença de pessoas incide sobre seis desenhos. Destes, apenas um retrata um momento de interação, a brincadeira com a bola (RAFAEL, 2019). Neste sentido, reafirmamos que a cidade — representada pelas crianças desta pesquisa — é um local de passagem, não ponto de encontro. Carlos (2007, p. 38) aponta essas mudanças nas cidades grandes, pois: “o significado da rua muda radicalmente, priorizando o movimento e transformando-se em lugar de deslocamento e passagem, onde o que importa é o percurso”.

Figura 2: Cidade da Laura



Fonte: Laura (2019)

Figura 3: Cidade do Rafael



Fonte: Rafael (2019)

Neste sentido, Sarmiento (2018, p. 236) aponta que:

A automovilização da cidade tem efeitos paradoxais: por um lado, permite, em teoria, percorrer maiores espaços em menos tempo e com menos esforço físico; por outro, diminui o conhecimento efetivo da cidade, a exploração dos espaços e tem graves consequências na restrição da circulação pedestre, com diminuição do equilíbrio propiciado pelo exercício físico.

Outros elementos significativamente representados foram os empreendimentos comerciais ou de consumo, presentes em três desenhos. Luana (2019) ilustra um mercado, uma loja de sapatos e um lanche. Em frente ao mercado, notamos dois carrinhos para fazer compras, um deles tem a adaptação de um carrinho de brinquedo. Trata-se de um aparato lúdico que favorece o entretenimento das crianças enquanto os responsáveis fazem compras. A fala da pessoa representada em frente a porta do mercado enfatiza o consumo, no balão está escrito “Eu recebi sábado e vou comprar”.

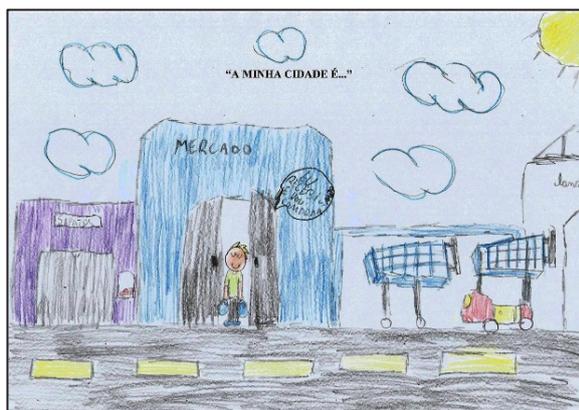
Bissaco *et al.* (2015) aponta que precisamos diferenciar o consumo do consumismo. Consumir é uma necessidade humana; no entanto, o consumismo está relacionado ao ideal de felicidade, ligado ao desejo de possuir, comprar, ter. A criança representa a cidade como o local de consumo, com um aspecto lúdico (carrinho de brinquedo) e a expressão de felicidade na pessoa ilustrada. Para Bissaco *et al.* (2015), “[...] consumismo não nasce no indivíduo, mas é imposto pela publicidade”. Existe uma ideologia implícita na publicidade destinada ao público infantil, que atribui certo valor social aos produtos, diferenciando àqueles que consomem dos que não o fazem.

Enfatizamos, também, a ilustração de Mônica (2019), que afirmou ter representado a “Cidade das crianças”. Esta é uma área de lazer pública da cidade e de acesso livre, com a presença de uma extensa área verde, parquinho, mini zoológico, planetário, entre outros. Entretanto, no seu interior, também há comércios alimentícios, atrações pagas como pedalinho e o Parque Aquático. Não há pedágio, como o desenho indica, apenas roletas para acesso ao Parque Aquático.

A delimitação dos espaços públicos e privados é mais complexa na contemporaneidade. Segundo Sobarzo, (2006, p. 96), “[...] temos um panorama em que público e privado se misturam, convivem de forma conflituosa, invadem-se mutuamente, porque, numa sociedade moldada na troca de favor e no clientelismo, não basta a distinção legal para separar ambas as esferas”.

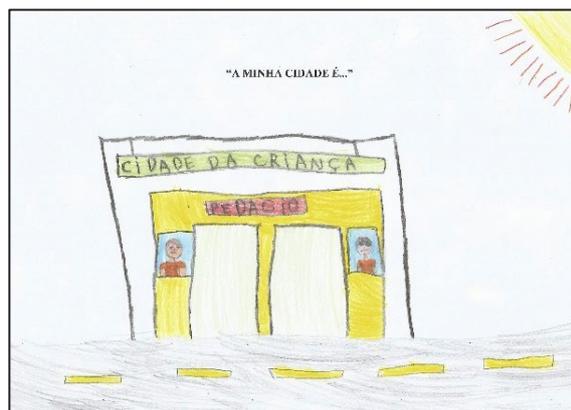
A combinação dessas esferas faz com que algumas crianças não tenham clareza do que é público e, portanto, um direito seu enquanto cidadã de se ter acesso e do que é privado; ademais, tal confusão implica negativamente no desenvolvimento da cidadania infantil.

Figura 4: Cidade da Luana



Fonte: Luana (2019)

Figura 5: Cidade da Mônica

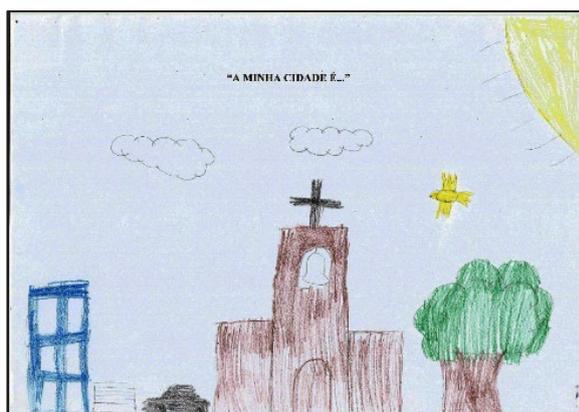


Fonte: Mônica (2019)

Segundo Dias (2015, n.p.), “[...] parques têm perdido o seu valor e sua potência criadora cedendo lugar a espaços que se caracterizam por relações comerciais, pelo consumismo, e por sua inadequação, uma vez que são constituídos por elementos “prontos” e acabados [...]”.

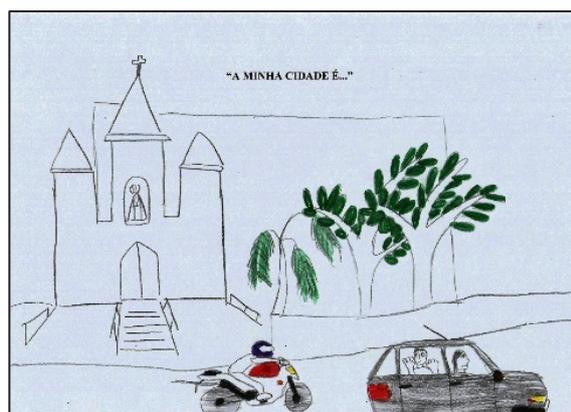
As igrejas foram representadas em dois desenhos; são igrejas situadas em áreas centrais da cidade, ambas são católicas. As igrejas católicas têm estruturas que chamam a atenção das crianças. Elas se destacam em relação ao entorno e têm importância histórica para a cidade.

Figura 6: Cidade do Gabriel



Fonte: Gabriel (2019)

Figura 7: Cidade do Peter Parker



Fonte: Peter Parker (2019)

Na história das ruas das cidades brasileiras, a área da praça e da matriz era a mais expressiva. Percebemos que, embora as paisagens e vivências na cidade mudem constantemente, algumas permanecem, como aponta Santos (1988, n.p.) “[...] suscetível

a mudanças irregulares ao longo do tempo, a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço”.

A paisagem urbana se altera em função dos transportes; assim, criam-se faixas, placas, estacionamentos, rotatórias, ruas novas, entre outros. Notamos que as crianças destacavam nos desenhos alguns desses elementos, principalmente os meios e as vias de transportes. O arquiteto Gehl (2013, p. 9) adverte que:

Em todos os casos, as tentativas de construir novas vias e áreas de estacionamento para aliviar a pressão do tráfego geraram mais trânsito e congestionamento. O volume do tráfego, em quase todo lugar, é mais ou menos arbitrário, dependendo da infraestrutura de transporte disponível, porque sempre encontraremos novas formas de aumentar o uso do carro; construir vias adicionais é um convite direto à aquisição e ao uso de mais automóveis.

Os meios de transporte estão presentes em sete desenhos. As crianças desenharam automóveis, caminhonetes e motocicleta, e os meios de transporte representados são de uso individual e privado. No Brasil, o uso do transporte individual predomina sobre o transporte coletivo; no entanto, ressaltamos que, conforme Silva (2013), a mobilidade é um direito do cidadão e, por questões sociais e ambientais, o uso do transporte coletivo ou modos mais ativos (bicicleta, a pé) são os mais indicados. Os países desenvolvidos têm buscado diminuir o uso do transporte individual e investir na qualidade do transporte público oferecido à população; contudo, a situação dos países em desenvolvimento é diferente.

Nesses casos, não só a indústria do automóvel é um dos mais importantes motores da nova industrialização e modernização do tecido produtivo que conhecem, como as suas elites e classes médias consolidadas não concebem outro tipo de mobilidade que não seja a baseada em transporte individual. Não se trata apenas de uma questão de *status* e prestígio social, mas porque o próprio sistema de transportes coletivos não tem capacidade e a flexibilidade suficientes para, simultaneamente, responder a uma procura de massas (cuja dimensão se situa na ordem dos vários milhões de viagens diárias) e conseguir assegurar as condições de conforto e de atratividade que lhe permitam competir com o transporte individual (SILVA, 2013, p. 382).

Os veículos foram mais presentes nos desenhos do que as pessoas, provavelmente porque essas crianças utilizavam os veículos para se locomoverem, tanto para a escola

quanto para outros lugares. Apenas uma criança dessa escola declarou que a família não possuía transporte privado. Sarmiento assevera que um dos maiores prejuízos da automovilização da cidade:

[...] é a desumanização de muitas ruas e avenidas. As crianças e as pessoas idosas são as primeiras a serem retiradas da circulação a pé, quer pelos riscos (reais e projetados) que isso implica, quer pela inexistência de condições de conforto na circulação e atravessamento das ruas (SARMENTO, 2018, p. 236).

A antena se destacou em um desenho (RAFAEL, 2019). Na sociedade contemporânea, em que os meios de comunicação são muito importantes, é compreensível a ênfase a esse objeto.

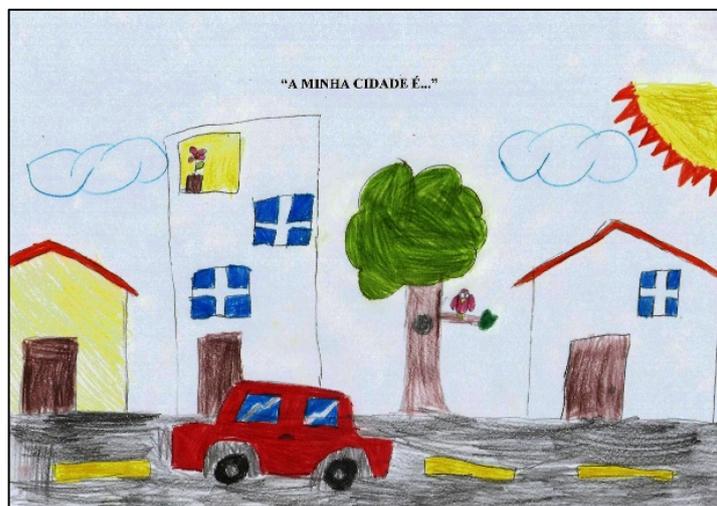
Salienta-se que a atual pandemia, Covid-19, que chegou ao Brasil em 2020, evidenciou a necessidade do uso de meios de comunicação como o computador, o telefone, o celular e da internet, para a obtenção de informações, realização de compras, reuniões, conversar com os amigos, ter aulas, entre outras atividades. As aulas presenciais foram interrompidas e as aulas remotas lançaram mão do recurso tecnológico para mediar os processos educativos. Neste sentido, podemos inferir que as pessoas com menor acesso ficaram prejudicadas, incluindo as crianças. São necessárias ações por parte do poder público para garantir o acesso à internet e aos equipamentos de comunicação (computador, celulares).

Contudo, o uso exagerado de recursos tecnológicos de comunicação e informação, podem acarretar prejuízos, principalmente para as crianças e os adolescentes. “Entre os riscos à saúde associados ao uso intensivo de equipamentos tecnológicos, podem ser citados: riscos visuais, riscos auditivos, riscos posturais e osteoarticulares e riscos alimentares, entre outros” (EISENSTEIN; SILVA, 2015, p. 122).

Os elementos naturais compareceram em sete desenhos, porém em nenhum de forma predominante. Entre os elementos naturais, notamos árvores (4), céu (5), sol (4), grama (2), lua (1), estrelas (1) e aves (2). Observa-se que, para essas crianças, a cidade não é um espaço sem a presença de animais; apenas os pássaros são representados. A presença do sol e céu aberto pode estar relacionada à predominância do clima quente na cidade. Segundo o IBGE (2010), a cidade é uma cidade arborizada. Nesse sentido, estes elementos fazem parte da vivência das crianças. Constatamos a coexistência dos elementos naturais

e artificiais nos desenhos da cidade e notamos que predomina a representação dos elementos artificiais.

Figura 8: Cidade do Kevin



Fonte: Kevin (2019)

Diante das questões ambientais que o mundo tem vivido, Tiriba (2018, p. 4) questiona: “O que será de um planeta cuja infância e juventude crescem distante da natureza, sem a possibilidade de desenvolver sentimentos de amor e compreensão clara, existencial, do que são os processos de nascimento, crescimento e morte dos frutos da Terra?”

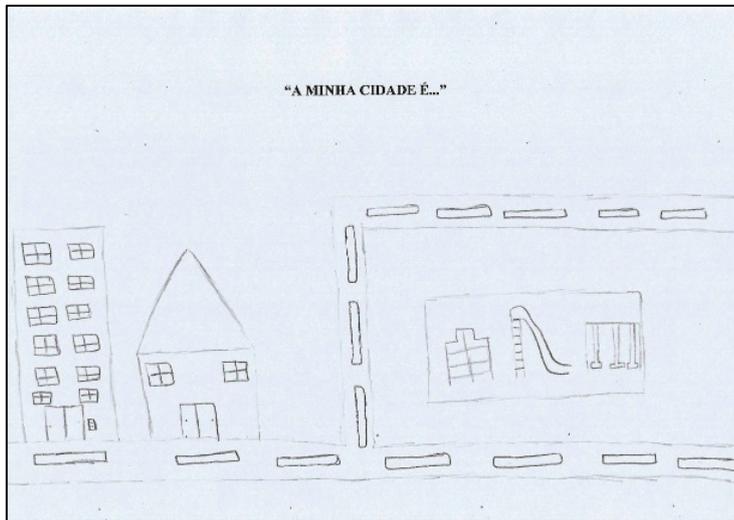
O documento intitulado *Desemparedamento da infância* (2018), construído com base nos estudos do Instituto Alana, aponta que as consequências do distanciamento da infância e a natureza na sociedade contemporânea, especialmente no espaço urbano, são muitas: “[...] obesidade, hiperatividade, déficit de atenção, desequilíbrio emocional, baixa motricidade – falta de equilíbrio, agilidade e habilidade física – e miopia são alguns dos problemas de saúde mais evidentes causados por este contexto” (BARROS, 2018, p. 14).

O parque foi retratado, também, em apenas um desenho, mas este não retrata um parque público. Iago (2019) morava em um condomínio de prédios na cidade, que tem um parque intramuros. Segundo Luz e Kuhnen (2012, p. 552),

O uso do espaço público foi se modificando ao longo dos séculos a partir de mudanças sociais, econômicas e espaciais. A rua, outrora espaço de socialização e brincadeira, foi tornando-se espaço de perigo, principalmente para as crianças. No século XX foram criadas as praças e os parques públicos como alternativas de lazer e locais de brincadeira

(Oliveira, 2004). Atualmente não são considerados seguros, pois nem sempre obedecem às normas de segurança quanto à instalação e manutenção dos equipamentos (Harada, Pedreira, & Andreoti, 2003) e, por vezes, são utilizadas para fins ilícitos.

Figura 9: Cidade do lago

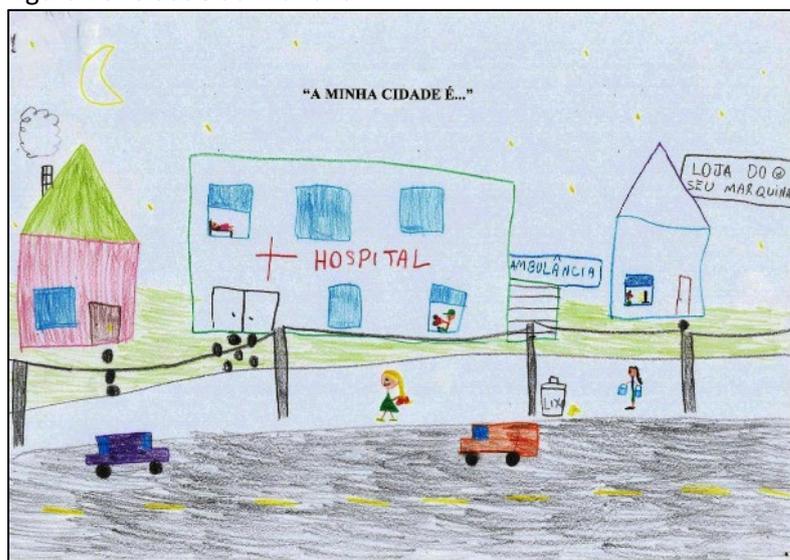


Fonte: Iago (2019)

Os eixos da infância, ludicidade e interatividade podem ser observados no desenho que representa um jogo com uma bola, em uma área verde. Conforme Luz e Kuhnen (2012), a presença de vegetação e equipamentos em espaços públicos está associada ao nível de interação e diversidade de brincadeiras. Notamos que, embora o desenho não retrate vegetação, apenas grama, há um equipamento, uma pequena trave, que indica e estimula o jogo de futebol. Estes dois eixos das culturas da infância favorecem o desenvolvimento infantil em diversos aspectos. Lima e Lima (2013, p. 228) comprovam que,

O eixo ludicidade colaborou para a aprendizagem em múltiplos aspectos, favorecendo, além do desenvolvimento da capacidade imaginativa das crianças, a qualificação e a diversificação dos movimentos básicos, a ampliação da cultura lúdica, avanços na capacidade de organização, atitudes e consciência em relação às regras e a demonstração de satisfação e alegria no interior da escola.

Figura 10: Cidade da Mariana



Fonte: Mariana (2019)

Mariana e Rafael (2019) representaram elementos da rede elétrica, poste de iluminação pública. A distribuição de energia na cidade é feita pela empresa Energisa, mas a manutenção das lâmpadas é feita pela prefeitura municipal.

Em outro momento desta investigação, a iluminação pública foi alvo de preocupação, tomada como insuficiente nos parques públicos infantis, apontada por Kevin (2019). Neste sentido, inferimos que, para essas crianças, a ideia de pouca iluminação está vinculada à cultura do medo e a insegurança pública, mas especificamente a possibilidade de se tornar vítima de violência. Conforme Bauman (2007, p. 59), “A vida urbana transforma-se numa selva onde impera o terror, acompanhado de um medo onipresente”.

Mariana (2019) foi a única criança que retratou um hospital e uma ambulância. As instituições que cuidam da saúde são importantes instrumentos públicos de melhoria da qualidade de vida. Durante esta investigação, notamos que a imagem de tais instituições é contraditória por diversas vezes; é concebida como boa por restaurar a saúde, mas como má por relembrar momentos de mal-estar, dor e sofrimento.

Uma forma de potencializar o relacionamento positivo da criança com os ambientes hospitalares é através da humanização dos espaços. No Brasil, temos várias iniciativas no sentido de humanizar os espaços; podemos citar, por exemplo, o GRAACC (Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer de São Paulo) que disponibiliza um espaço de brinquedoteca. O site da instituição avalia que “O tratamento lúdico auxilia na qualidade de vida dos pacientes, na socialização e também na troca de experiências entre as famílias

– que contam ainda com atividades específicas e terapêuticas, como oficinas de artesanato e artes plásticas” (GRAAC, 2020, n.p.)²

Mariana (2019) também destaca a presença de uma lixeira em espaço público de circulação (calçada). Notamos que ao lado da lixeira há um “lixo” no chão, pintado em amarelo. Para essa criança, no espaço urbano, ainda que haja lixeiras nos espaços públicos, é comum que as pessoas joguem o lixo no chão.

A educação ambiental é um tema presente em documentos educacionais brasileiros desde 1996 (FREITAS, 2018); entretanto, apenas em 2012 um documento específico foi lançado, chamado *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental*. Notamos que as ações de Educação Ambiental têm surgido efeito na formação das crianças. Elas demonstram preocupação com o meio ambiente em que vivem, a cidade.

Para Freitas,

[...] constata-se a mobilização por parte das organizações governamentais e da sociedade em geral, no sentido de criar estratégias que reduzam os impactos socioambientais. Contudo, para que os objetivos firmados nesses momentos possam ser efetivados são necessários esforços para que ocorra a Educação Ambiental “crítica, ética e transformadora”, que promova a sensibilização e a aquisição de conhecimentos de todos a respeito dos problemas ambientais e que culmine em ações alinhadas à conservação ambiental. É oportuno refletir sobre o papel de cada um para melhorar o espaço em que se vive, sem deixar de compreender a atuação do Estado e das grandes empresas neste contexto (FREITAS, 2018, p. 106).

A representação da cidade realizada por estas crianças tem elementos que preenchem, praticamente, toda a folha, como se a cidade fosse densa, com mais componentes um ao lado dos outros e pouco espaço vazio entre eles.

Essas crianças estudam em uma área central que é, predominantemente, uma área comercial. Contudo, oito delas não moram no bairro da escola, moram em bairros residenciais, e iam para a escola com diferentes tipos de meios de transportes. Os elementos que compõem suas vivências se mostram presentes nos desenhos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os desenhos nos permitem elucidar como as crianças concebem as cidades. Essas representam os espaços a partir de suas vivências, suas experiências no espaço urbano.

² Disponível em: <https://graacc.org.br/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

Alguns espaços são comuns, frequentados por todos: casas, prédios, comércios, espaços de lazer, igrejas, hospital — paisagens urbanas vivenciadas por elas diariamente.

Para essas crianças, a cidade é um espaço com os elementos naturais e artificiais, espaços públicos e privados, pessoas, prédios, casas, meio de comunicação, vias e meios de transporte, placas e sinalizações para a circulação, rede elétrica, lixeiras. Ademais, as pessoas representadas no espaço da cidade não se encontram; este fato indica que o espaço urbano é um local de passagem, não de encontro. Os únicos animais representados foram aves; neste sentido, podemos inferir que a cidade não é um espaço para os demais.

Embora todas as crianças estudassem na mesma escola, tivessem rotinas semelhantes e classe socioeconômicas aproximadas, eram crianças plurais. Neste sentido, retratam vivências diferentes, revelando suas singularidades.

Iago (2019) morava em um condomínio de prédios, seu desenho retrata uma parte significativa desse espaço, o parquinho, geralmente utilizado para ludicidade e interatividade das crianças. Pode se tratar de um espaço afetivo, onde ele vivencia experiências positivas.

Mônica (2019) desenhou a Cidade da Criança, uma área de lazer pública significativa para ela, a ponto de representar a cidade. Contudo, há uma contradição, pois este espaço possui uma limitação, o pedágio. Como este não é real no local, acreditamos que a parte privada do local, principalmente o Parque Aquático, permeia o imaginário infantil como situação de restrição, de acordo com a condição financeira.

A cidade pelo olhar da maioria das crianças não é representada por espaços lúdicos e pela interatividade. Ainda que a cidade de Presidente Prudente (SP) tenha um número de áreas de lazer públicas e gratuitas considerável, mais de cento e cinquenta praças públicas, segundo o Secretário do planejamento, habitação e desenvolvimento (2019), esses elementos não compareceram nos desenhos.

Questionamos: O que o poder público pode fazer para que as pessoas usufruam mais dos espaços públicos de lazer? O que esses espaços precisam para se tornarem mais acolhedores e atraentes para todas as pessoas? O que o poder público pode fazer para potencializar o encontro com os pares e entre gerações?

O poder público pode alterar a realidade urbana através de planejamento e investimento. Defendemos, como Gehl (2013), que o planejamento da cidade seja feito com

base na dimensão humana, com a valorização da participação social das crianças, de modo que se garanta experiências positivas às crianças nos espaços públicos.

REFERÊNCIAS

AITKEN, S. C. **Jovens, direitos e território**: Apagamento, política neoliberal e ética pós-infância. Tradução de Talita Guimarães Sales Ribeiro. Ed. Maria Lidia Bueno Fernandes. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

ALDERSON, P. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, maio/ago. 2005.

ANDRE, M.E.D.A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008.

BARROS, M. I. A. (org.) **Desemparedamento da infância**. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BISSACO, C.M. *et.al.* Consumismo infantil: um olhar Bakhtiniano às ideologias veiculadas pela mídia. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S.l.], v. 32, n. 1, p. 209-228, 2015.

CARLOS, A.F.A. **O espaço urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

DIAS, M. S. Espaços públicos: ambiências urbanas para infâncias contemporâneas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ESPAÇOS PÚBLICOS, 2015, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: PUCRS, 2015.

EISENSTEIN. E.; SILVA E. J. C. Crianças, adolescente e o uso intensivo das tecnologias de informação e comunicação: desafios para a saúde. In: **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil**: TIC Kids online Brasil, 2015. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. E-book. p.117-126.

FREITAS, N. T. A. **Educação ambiental, consumo e resíduos sólidos no contexto da educação infantil**: um diálogo necessário com os professores. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2018.

GEHL, J. **Cidade para as pessoas**. 2. ed. Trad. Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GOBBI, M. Desenho infantil e oralidade. Instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. D. P.; PRADO, P. D. (org.). **Por uma cultura da infância**. Metodologias de pesquisa com crianças. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 69-92.

HARVEY, D. O direito à cidade. Tradução: Jair Pinheiro. **Lutas Sociais**, São Paulo, n. 29, p. 73-89, jul./dez. 2012.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Estatísticas por cidade. **IBGE**, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/por-cidade-estado-estatisticas.html>. Acesso em: 01 abr. 2018.

LIMA, M.R.C.; LIMA, J.M. A ludicidade como eixo das culturas da infância. **Interacções**, n. 27, p. 207-231, 2013.

LOPES, J. J. M. Geografia das crianças, Geografia das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Contexto & Educação**, Unijuí, ano 23, n.79, p. 65-82, jan./jun. 2008.

LOPES, J.J.M. A “Natureza” Geográfica do Desenvolvimento Humano: Diálogos com a Teoria Histórico-Cultural. In: TUNES, E. (org.). **O fio tenso que une a Psicologia a Educação**. Brasília: UniCEUB, 2013a. p. 125-136.

LOPES, J.J.M, Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p.283-294, maio/ago. 2013b.

LOPES, J. J. M.; FERNANDES, M. L. B. A criança e a cidade: contribuições da Geografia da infância. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 202-211, maio/ago. 2018.

LUZ, G.M.; KUHEN, A. O uso dos espaços urbanos pelas crianças: explorando o comportamento do brincar em praças públicas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 26, v. 3, p. 552-560. 2012.

RHEINGANTZ, P. A. et. al. **Observando a qualidade do lugar**: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 1988. Disponível em: <https://farofafilosofica.com/2018/01/21/milton-santos-12-livros-em-pdf-para-download/>. Acesso em: 03 jan. 2019.

SARMENTO, M. J. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SARMENTO, M. J. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, maio-ago. 2018.

SILVA, F.N. Mobilidade urbana: os desafios do futuro. **Cadernos Metr pole**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 377-388, dez. 2013.

SOBARZO, O. A produ o do espaço público: da domina o   apropria o. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 19, p. 93-111, 2006.

TONUCCI, F. As crianças e a cidade. **Revista Pátio Educa o Infantil**, Porto Alegre, v. 1, n. 40, p. 4-7, jul./set. 2014.

VIGOTSKI, L.S. Quarta aula: a questão do meio na Pedologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n.4, p. 681-701, 2010.

Recebido em: 29/06/2021

Parecer em: 23/07/2021

Aprovado em: 23/07/2021